



Gaiato

Quinzenário * 12 de Novembro de 1983 * Ano XL — N.º 1035 — Preço 7\$50



PORTE
PAGO

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

CADA FREGUESIA CUIDE DOS SEUS POBRES

□ «Cada freguesia cuide dos seus Pobres, tem de ser o programa de uma acção católica, actual e verdadeira. Corpo e alma.»

«Vede como eles se amam», diziam dos primeiros cristãos. Neste «como eles se amam», estava o como eles se ajudam e partilham entre si. Se não vivermos esta doutrina no corpo e na alma, o nosso cristianismo será só de ritos, sem Vida. Ai de nós, cristãos, se

não pusermos o Evangelho na nossa vida toda!

Se numa comunidade paroquial houver irmãos com fome, doentes e presos que não são visitados, é sinal evidente de que ela está enferma e longe do Caminho.

Não digamos que os cristãos, hoje, perderam o sentido de entre-ajuda. Nós, Obra da Rua, somos testemunha viva dessa ajuda quotidiana e certa. Não só nós, mas tantas instituições que subsistem somente pela ajuda dos cristãos. Ainda, há dias, referi os milhares de toneladas de alimentos que os membros de muitas Igrejas mandam para os países do Terceiro Mundo. Mas, também, entre nós, nas nossas comunidades e simples aldeias, quando surge qualquer desgraça a uma família, todos ajudam se houver alguém que aponte e oriente. Aqui, talvez, o nosso ponto fraco. Falta-nos organização: «Cada freguesia cuide dos seus Pobres» — como diz Pai Américo e acrescenta: «Não só a acção isolada de um Pároco, não só de uma Diocese; mas uma acção combinada e estendida a todas, sim».

Se numa comunidade paroquial houver irmãos com fome, doentes e presos que não são visitados, é sinal evidente de que ela está enferma e longe do Caminho.

Como a organizar e adaptar a cada meio? Ora aqui está uma tarefa linda entre Dioceses!

□ É volumoso o maço de cartas a pedir ajuda para os Autoconstrutores! Estas cartas são-nos dirigidas pelos Párcos. E nós mandamo-la, na medida das posses e da necessidade referida, aos mesmos Párcos para ser entregue ao Autoconstrutor respectivo. Assim não fica sequer embaciado



o espírito de comunidade paroquial, antes, mais límpido.

Há, portanto, uma organização. Os cristãos que nos mandam as ajudas, sabem que elas chegam aos telhados.

Todos sabemos quanto é difícil construir hoje uma habitação... Na maior parte dos casos só possível com entre-ajuda.

O que é impossível para um membro da comunidade, pode ser fácil para a própria

— se o espírito e a organização estiverem vivos e presentes.

Ao falarmos de comunidade, não queremos dizer que sejam excluídos de ajuda os que não têm fé. «Zaqueu desce depressa que Eu hoje quero ficar em tua casa.» Zaqueu era um pecador.

Só o amor entre nós é verdadeira fonte de Justiça e de Paz.

Padre Telmo

Partilhando

Ultimamente, temos tido um certo aumento de gente simples e pobre das aldeias vizinhas (algumas das quais não têm Conferências Vicentinas) que nos procuram para lhes darmos a mão. Aumento, porque os aumentos do custo de vida os atingem em especial. Gente com muitos filhos e poucos recursos. Gente-mulher, vestida de escuro, mesmo sem a razão da morte. Outras mortes... A mortificação das suas vidas! Mulheres ainda novas com filhos ao colo, acompanhadas de alguém que já nos conhece, ou de uma carta do Pároco ou atestado da Junta de Freguesia, a testemunhar a sua pobreza. E nós confiamos e ajudamos.

Há dias, em plena vindima e quando assistíamos à transformação das uvas no mosto que dará o vinho, somos procurados por alguém. Mais um caso... Duas mulheres: sogra e nora. Unidas! A primeira pedia e falava pela segunda. Por causa da moradia que, por suas mãos, estão a construir, sem recursos para a fazer. Ouvi e fiquei calado... Consenti que me convidassem a ir ver o barraco onde querem sair para uma habitação mais digna. Não pude, mas prometi lá ir e sentir a dor do barraco e a alegria de uma casa... Eis um convite dos Pobres à verdade da sua humildade!

Padre Moura

ÁFRICA

Foi assim há vinte anos: Depois de uma preparação proximamente iniciada uns meses antes, os dois grupos fundadores das Casas do Gaiato de Malanje e de Benguela partiram de Lisboa no Dia dos Fiéis Defuntos de 1963, pisaram terra angolana em 14 de Novembro e chegaram dia 16 ao seu termo de viagem.

O presente número de O GAIATO coincide com esta efeméride que, embora com seus travos de amargor, marca uma hora alta na vida da Obra da Rua.

Sempre a expansão de vida é um fenómeno feliz quando jorra da sua própria exuberância, a qual permite ao corpo

crescer sem definhamento do que já era.

A Obra, fortemente agitada na hora da morte do Fundador, como é natural de um parto que Pai Américo tinha anunciado insistentemente («A Obra começa quando eu morrer»), logo viu o seu horizonte iluminado pelo alvorecer de promessas de crescimento de que a vinda de novos obreiros era um penhor.

Quatro anos depois dessa hora, foi possível dar cumprimento à vontade expressa de Pai Américo de voltar a África, viagem que não comportou ainda a determinação de lá nos estabelecermos, mas deu a oportunidade de retomarmos

essa intenção antiga, cujo passar a facto estava, como todo o nosso ser e o nosso agir, nas mãos da Providência. Pelas Suas generosidades, Deus mostrou-nos chegada a hora da consumação em 1962. E um ano mais, deu-nos o poder de a consumar.

A intenção — é bom sublinhá-lo — era, lá como cá, dar testemunho do compromisso de Deus com aqueles que só nEle e por Ele confiam para a instauração do Seu Reino, da Sua Justiça, mediante uma acção social, aliás bem necessária.

Fomos num tempo de contradição em que os prudentes do século punham reticências

à determinação de ir. Parece que o termos de cessar lá a nossa acção formal, dezasseis anos volvidos, lhes dá razão. Porém, nós continuamos fora de tal parecer. O testemunho que intentávamos, deu-se. Pela Justiça de Deus foi possível levantar, a partir do capim ou de pouco mais, duas belas Aldeias que lá ficaram disponíveis para o serviço do Povo, as quais, perante a nossa intenção, valem como sinal de uma construção incomparavelmente mais importante que foi a construção de uma Família a partir de desgarrados que a não tinham, Família que ficou também levantada para bem do mesmo Povo e que, por graça de Deus, ainda ninguém derrubou.

Valeu a pena...? «Que fosse um só que se salvasse... e te-

Cont. na 3.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

Setúbal

NOVOS GAIATOS — Com a mudança de alguns que passaram para o Lar, trabalhando e estudando, vieram de novo uma porção deles. São uns onze ou doze. Alguns, logo se adaptam. Outros, boromingam, saudados, e um houve, até, que fugiu já não sei quantas vezes. Tudo é aceite com naturalidade.

As saudades...! Como nós compreendemos agora estes pequeninos!... Ou não tivéssemos sido já como eles!

Os bezerrinhos, as vacas, as pombas, os ninhos, enfim toda a Natureza que nos rodeia, mais a convivência com os outros, não se conquistaram estes pequenos.

TRABALHO — Eu passava junto à piscina. Estava na hora de largar o trabalho. O Mário preto estava estendido no chão a chorar. Um outro pegava-lhe pelo braço a tentar levá-lo. Inquiri o que tentava levar o choroso — o Mário Nobre. Era então o chefe dos «Batatas». O faltoso tinha a missão de apanhar o lixo das ruas, e tinha-se escapulado. Convinco o Mário preto a seguir o seu chefe e lá foram os dois, cada um com sua responsabilidade...

ESCOLA PRIMÁRIA — Começaram as aulas. Temos cinco salas a funcionar. Até que enfim, alguém resolveu ajudar-nos, com mais dois professores!

Por muito pequeno que seja o grupo de alunos, dá sempre que fazer ao professor, e é preciso que este tenha a noção da missão que ocupa. Vamos ver os frutos.

VIDROS PARTIDOS — Têm sido um ror deles! Aparecem partidos e ninguém se acusa! A toda a hora insistimos na proibição de jogar a bola à roda da casa, mas eles esquecem-se, e depois é mais um... O Bernardo — um dos carpinteiros — esteve a aproveitar os vidros das janelas velhas que saíram das antigas instalações. É uma maneira de minorar as grandes despesas da nossa Casa.

OBRAS — Têm sido as contas dum rosário! A casa quatro já tem as paredes levantadas. Tudo dividido para formar um ninho idêntico ao da casa três. No sábado passado encheu-se a placa. Era um fongigueiro! Uns com os baldes meios para um lado, outros com eles vazios para o outro. O esforço destes pioneiros! Tudo o que se faz é por amor deles que, um dia, reconhecerão o valor do seu esforço para outras gerações. Como dava gosto vê-los entusiasmados no vai-vem do trabalho!... Sousa Neves, que está a cumprir o serviço militar e veio passar o fim-de-semana, chefiou a malta, exemplificando, trabalhando aqui e ali, onde a coisa deteriorava mais.

É um ror de vigas, muita tijoleira e muito ferro e muito tijolo e mais cimento e muitas camionetas de pedra e de areia. Isto para fazer a que se chama, bruto. Depois vêm

a madeira, a ferragem, as tintas e os estuques. Nós ainda não sabemos onde ir buscar o dinheiro para isto tudo! Sabemos, sim, que é preciso acudir a mais alguns que precisam. São eles que clamam.

VACAS — Ontem pariram duas vacas!

Esta foi a notícia que o Bernardo me deu um dia destes, de manhãzinha.

Ele já foi vaqueiro e sabe de como nascem novas vidas: as vacas, as pombas, os passarinhos, os ninhos!... Tudo é escola para estes rapazes aprenderem. «*Ontem pariram duas vacas.*» Aqui tens para dizer nas aulas o que significa parir...

OUTRO «BATATINHA» — Mais um «rei». É o Pedro. Não tem papas na língua! Primeiro chorou. Depois (e depressa) implantou-se como «rei» e «senhor» da Casa. É agora o ai Jesus de toda a comunidade!

TIPOGRAFIA — Entraram alguns para a tipografia, para iniciarem a aprendizagem do ofício. Temos lá um ror de máquinas muito caras — que não devem estar paradas. Precisamos de trabalhos para as alimentar. Por isso, quem souber que apite pelo telefone 23054, de Setúbal.

Ernesto Pinto

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Pelas vias legais, já entregámos metade dos processos d'instalação eléctrica das moradias do Património dos Pobres, de Paço de Sousa. O electricista, no entanto, continuará nas restantes, à média de cinco contos por moradia.

É uma obra de promoção social que ficará a marcar uma época — e jamais seria contra a vontade dos Pobres. Um deles não quer terminar os seus dias na terra sem ter o gosto de mexer o interruptor! Só por este valeria a pena sermos arrojados, ao ponto de investirmos — como noutros casos — sem termos quê. Aliás, o próprio electricista nunca exigiu ou pôs condições...!

Já que a maioria dos utentes — nos domínios da terceira idade — são analfabetos, houve que pôr a questão dos contractos aos Serviços Municipalizados, que resolveram o problema imediatamente:

— *Combinem dia e hora que nós iremos pela casa de cada um autenticar os contractos com a assinatura universal* (impressão digital e bilhete de identidade). *Nós estamos aqui para servir!*

Acompanhámos o funcionário — homem expedito — por cada moradia. Uma viagem, uma visita tão rica para ele e para nós outros! *Cada mocho em seu sítio!* E foi sempre a andar, com expressões ansiosas na boca de todos:

— *Quem dera q'a luz não tarde...!* No termo da volta, o funcionário adverte que nos daria o orçamento das baixadas. É do regulamento. Já com o automóvel em andamento fazemos stop, informámos que tudo já

mais seria sem o prometido — e justíssimo — benefício da edilidade.

— *Então, peçam a formalização do subsídio, que nós seguimos logo para a frente.*

Nos dias d'hoje — pelas enormes carências no domínio público — esta acção de promoção social, de Justiça Social, dignifica o concelho, o País, já que concedemos aos Pobres uma regalia que os integra no meio em que vivem.

Ainda nos lembrámos da isenção da taxa de rádio... Um autarca, porém, esclarece imediatamente:

— *Há dias, quando andava na cobrança (na cidade do Porto) topo um caso de extrema pobreza. Meto-me a caminho. Nos Serviços Municipalizados não era possível. Então, abordo a RDP. Mas... se o consumidor ultrapassar o consumo de 10 kw não tem hipótese. A lei está feita assim...!*

— Os que não podem, pagam pelos que têm rádio...!

— *A lei está feita assim...!*

● O moço vem acompanhado de um Amigo que serve de recoveiro. É um deficiente que não envereda pela caridadezinha: técnico de aparelhos de rádio e televisão, colectado como um vulgar empresário!

Todavia..., aqui está o mal, apesar de ser um cidadão mais ou menos evoluído, desconhece vantagens e benefícios expressos na lei! Damos pistas. Esclarecemos. Vai já requisitar o «*Guia do Deficiente*» ao Secretariado Nacional de Reabilitação, o qual condensa toda a legislação. E, entretanto, fará uma abordagem pelo fisco, e não só, para obter os benefícios que a lei prevê, apesar de não serem excepcionais (os deficientes dos países evoluídos também se queixam...). Porém, *«mais vale isto do que nada»* — dissemos.

PARTILHA — Assinante 11902, do Fundão, a presença de sempre. Cheque de Maria, da Serra da Estrela, e «*Deus abençoe todos os que se ocupam dos pobres, que dos ricos já muitos se ocupam — excepto em rezar por eles.*»

Uma carta e um vale de correio, da Parede: «*O caso da mãe viúva é impressionante, mas talvez seja mais protegida pelos conterrâneos do que a mãe solteira. Eu nasci na aldeia e sei que marginalizam mais estas, considerando leviandade e não infelicidade — como dirão no caso da viuvez.*»

Os problemas aqui revelados tocam a alma do leitor que, na hora própria, vem ao encontro dos Pobres — como esta Amiga da Marinha Grande: «*Junto um cheque para cada uma das grandes Viúvas ajudadas pela Conferência. Espero no Senhor poder ainda mandar mais, periodicamente. Essas santas mulheres que rezem uma Ave-Maria pelas minhas intenções...*»

Migalhinha de Oeiras. Mais outra (1.500\$00), da Parede, «*para os mais necessitados, referente ao aumento que tive, este mês, do Montepio dos Servidores do Estado.*» Assinante 31104, de Lisboa, 2.500\$00 «*para o Soldado da Paz.*» No «*dia do aniversário de Pai Américo*», a assinante 25881, de Setúbal, manda 250\$00. Mais 1.000\$00 de Lisboa, Avenida Estados Unidos da América. Outro

cheque, de Rio Tinto, para «*a renda da casa da Viúva.*» A assinante 31168 põe as contas com O GAIATO em ordem — no Espelho da Moda — e não esquece os Pobres. Aquela senhora do Porto, que nos visita assiduamente, deixa em nossas mãos uma nota de mil.

Damaia:
«*Junto um cheque com uma pequenina lembrança (1.000\$00) para a Conferência. Eu sei que é uma gota no vosso oceano de dificuldades, mas não me é possível, de momento, enviar mais. Desculpai, sim?*»

Peço para não acusarem recepção por carta, pois os selos estão caros e depois eu sei pela conta bancária. Percebido?

Cumprimentos dum Amigo anónimo...

Estes tesouros de generosidade, de delicadeza não poderiam ficar de baixo do alqueire. Mas bem à vista, em expressivo anonimato, como luz da Luz!

Para se cumprir as vossas intenções, recomendamos que os donativos sejam dirigidos à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — a/c do Jornal O GAIATO — Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Paço de Sousa

SERRALHARIA — Decorre, normalmente, o curso de serralheiro em nossa Casa do Gaiato de Paço de Sousa. É um grupo de 10 rapazes, sendo dois do Tojal e um que não pertence às nossas comunidades.

O curso termina em Março e Deus queira que todos consigam o melhor aproveitamento para o futuro de cada um.

FOTOCOMPOSIÇÃO — A última compra que fizemos para a nossa tipografia foi uma fotocompositora MCS 5 que executa trabalhos perfeitos. É uma máquina moderna, que serve para a nossa preparação profissional. Por isso, neste momento, todos os sábados de manhã, em nossa oficina, cinco rapazes estão a aprender fotocomposição num curso organizado de forma a aprendermos tudo o que a gente precisa, para trabalharmos em qualquer empresa sem problemas de maior. Foi uma das melhores compras que a Obra fez para a nossa vida futura, pois não há ainda muitos fotocompositores em Portugal. Ficou muito cara, mas nela já aprenderam alguns rapazes que estão ao serviço de grandes empresas gráficas. E quantos passarão por ela, ao longo do tempo!? Além do trabalho que faz para as nossas offsets, que pagará uma parte do valor da máquina, a outra parte, que somos nós, que é a nossa preparação profissional, não se pode contar a dinheiro. Pelo que diz o nosso Júlio Mendes, só a preparação de 20 novos fotocompositores, nos próximos anos, justificaria esta unidade, pois em Serviços de Formação oficiais, organizados, cada aluno fica, em média, por 300 ou 100 contos.

OBRAS — A casa 2 da nossa Aldeia continua em obras para que os

mais velhos possam ter um mínimo de comodidade.

Também o muro de suporte, à volta da nossa Aldeia, está em obras. Teve que ser renovada uma pequena parte para não cair, porque depois seria pior. Vem lá o Inverno...

DIA NACIONAL DA TERCEIRA IDADE — No sábado, 29 de Outubro, recebemos a visita de uma excursão de velhinhos do Lar da Terceira Idade de Lordelo (Porto). Passaram a tarde connosco e, muito felizes, organizaram uma festa no refeitório.

Já o ano passado cá vieram. Gostaram. Ficam sempre muito felizes por estar connosco. E, para o ano que vem, se Deus quiser e se forem vivos, decerto voltarão a Paço de Sousa.

José Carlos

Venda d'O GAIATO na zona Centro

Finda a época balnear, as praias e termas da Zona Centro já não recebem a visita dos nossos representantes.

Neste Verão que passou, a venda de O GAIATO no centro do País aumentou para 11 mil exemplares!

São as praias de S. Pedro de Moel, do Pedrógão, de Vieira de Leiria, Praia de Mira e as termas de Monte Real, Luso, Curia, que a fizeram aumentar, sendo a receita média, por quinzena, de 160 contos.

Nas cidades e localidades do interior, a venda do nosso jornal baixa no começo das férias. Os nossos vendedores, que fazem estas vendas extras, não são para tapar esta fenda aberta pelos que vão de férias, mas para procurarem não deixar o leitor assíduo de O GAIATO ficar sem ele, quando goza merecidamente os seus dias de descanso.

Acabadas as férias, a venda volta outra vez ao número aproximado de 8 mil exemplares, média do resto das quinzenas do ano, cerca de 120 contos por edição. É preciso aumentar. Não por ambição, mas por necessidade.

Também nesta época já reduzimos o número de vendedores na Figueira da Foz; dos quatro que iam no Verão, passaram a ir agora os Jois habituais.

Com o começo das aulas houve muitas mudanças de vendedores. Os cinco que vieram estudar para Coimbra foram substituídos por outros mais livres, para a venda na Beira Baixa. Em Leiria também para lá vai um novo. Em Coimbra o número aumentou, com a entrada de novos estudantes no Lar.

Todos os anos temos «mobilizado» uns para substituírem os mais velhos, ou os que, por motivo de força maior, não possam fazer a venda habitual. Os que já vendem há mais tempo, ou os substitutos de outros mais velhos, têm os seus fregueses habituais, que todas as quinzenas os recebem



Novos Assinantes de «O GAIATO»

A procissão continua em bom ritmo, com muitos devotos!

Uma trabalhadora da Pedruiha, mãos calejadas, abre o cortejo e alumia as almas das companheiras de trabalho:

«Arranjei duas novas assinantes — minhas colegas da fábrica — porque tenho sempre muito gosto de ler e dar a ler O GAIATO. Elas quiseram partilhar e pertencer à família...»

Um colecionador de postais ilustrados — oh paciência! — que já tem «uma vastíssima colectânea de todo o Mundo», deseja «uma editada pela Obra da Rua, em Paço de Sousa», e, «aproveitando esta oportunidade», pede «a remessa de O GAIATO» em nome da esposa.

O nosso Padre Carlos, de colaboração com vários párocos de Setúbal e do Patriarcado, motiva os cristãos para O GAIATO em celebrações eucarísticas. Só da região de Palmela — em horas grandes para muitos deles — recolheu, agora, mais 126 novos leitores. Semente que germina e cuja colheita não é connosco — fica nas mãos de Deus.

Passam mais trabalhadores! Gente de calos nas mãos, que sabe avaliar um pouco mais a dureza da vida e a cruz dos Pobres. Entre os que seguem com fato de trabalho saltam-nos aos olhos uma operária de Vila do Conde com «uma migalha que arranjei entre umas colegas de fábrica e quero pôr em dia as contas do meu jornal — que já devem estar atra-

sadas. Nem sei quanto é, mas, em recompensa do meu atraso, arranjei uma nova assinante da Póvoa de Varzim.

Generosidade! Temos Poesia, de um leitor de Odivelas, após a leitura «de mais um número de O GAIATO» — acentua. Eis o primeiro verso, que o espaço não dá para mais:

«Como alguém que, no escuro, apalpa em vão, à espera de encontrar uma resposta, / há gente que se esforça e está disposta / a achar um eco em outro coração.»

Um postal de Lisboa, com o mínimo de palavras, traz meia dúzia de novos leitores. Este Amigo — da Avenida Duque de Loulé — marcado pela vida agitada da Capital — diz, implicitamente, que não há tempo de perder tempo!

Mais uma coluna se distingue no meio da procissão: oito presenças da Escola Preparatória de Bragança — gente de rija tempera moldada na terra quente — pela mão de uma devota cuja idade não conta e muito tem semeado para colher no Céu!

Tudo isto é um mundo que entusiasma o mais céptico! São almas que respiram e delas que transmitem luz da Luz!

Ao lado da assinante 21735 vai um «ex-natural e residente em Lourenço Marques, desde há muito simpaticante da Obra da Rua — agora na África do Sul — que quer ser assinante de O GAIATO e deseja começar a recebê-lo o mais depressa possível».

Há mães que inscrevem os filhos; avós, os netos; tios, os sobrinhos. Famílias numa roda viva, como quem passa o testemunho — com muito amor pel'O GAIATO.

Temos de ficar por aqui! Não sem uma breve síntese dos locais de partida da procissão: Cascais, Pombal, Canelas (V. N. Gaia), Lousada, Castelo Branco, Guimarães, Sintra, Sabugo, Sacavém, Colos (Algarve), Ovar, Várzea de Ovelha, Macieira de Sarnes, Francelos, Benavente, Leça do Balio, Espinho, Braga, Coimbra, Alpiarça, Fonte Arcada (Penafiel), Rio Tinto, Vila Chã (Barreiro), Maia, Setúbal, Pairedes de Coura, Vila Nova de Gaia, Santa Marta de Penaguião, Gafanha da Nazaré, Dornelas do Zêzere, Vila Meã, Cuba (Baixo Alentejo), S. Jacinto (Aveiro), Tortosendo, Avis, Coselhas (Coimbra), Mira, Porto e Lisboa uma data deles, Bermen (R. F. A.), Hull (Canadá), Roterdão, Paris, Març-en-Baroeul e Torcy (França).

Júlio Mendes

RETALHOS DE VIDA

«Leão»



Sou natural das Caldas da Rainha. Chamo-me José Manuel Duarte Martins, nasci em 1968, e sou conhecido por «Leão».

Vivi sempre com os meus pais até aos 7-8 anos. Ia à Escola, mas saltava as janelas. Não gostava de andar na Escola!

Quando eu tinha sete anos o meu pai teve um acidente de moto. Esteve três anos num hospital de Lisboa. A minha mãe não trabalhava e via que o dinheiro não dava e um dia fugiu de casa, tinha eu 9 ou 10 anos. Então, eu fiquei com a minha avó. Ela veio tratar de nós quatro: dois irmãos e duas irmãs. Mais tarde a minha mãe veio buscar a irmã mais pequena.

A saída do hospital o meu pai foi buscar a minha mãe, lá onde ela estava, mas voltou a fugir por duas vezes.

Depois um sacerdote das Caldas da Rainha pediu ao sr. Padre Luiz, que me trouxe e ao meu irmão para a Casa do Gaiato, em Santo Antão do Tojal.

Às vezes tenho a visita do meu pai e eu escrevo-lhe.

Agora, ando na 4.ª classe e espero fazer, ao menos, o 2.º ano. Trabalho no campo há pouco tempo, pois mudei da rouparia.

Mando muitos cumprimentos para os leitores de O GAIATO.

Zé Manel («Leão»)

ÁFRICA

Cont. da 1.ª página

ria valido a pena; mas eles são tantos... mas eles são tantos...» Este desabafo de Pai Américo à insipiência de «velhos do Restelo» é um sopro de vida, é uma ideia-força que enquanto acreditarmos nela, jamais nos deixará sucumbir.

Ao escrever estas breves linhas numa data que me poria em escrúpulo se a silenciasse, é exactamente na Família da Obra da Rua dispersa por esses países tão feridos por loucuras de todos os sinais em que os homens são pródigos — é na Família que principalmente estou pensando. Em todos aqueles que chegaram a ser incorporados nela... Na multi-

dão trágicamente cada vez mais numerosa daqueles que poderiam e deveriam ser incorporados nela, se tal nos fosse permitido.

Não precisamos de dizer aos primeiros que não os enjeitamos. Eles bem o sabem. Não chegará aos segundos o eco deste nosso lamento. Mas ele fica diante de Deus e dos homens que o escutam como uma afirmação de consciência.

A Obra da Rua não é essencialmente uma realização eficaz. É muito mais um gesto de comunhão a significar, a sacramental a Misericórdia universal do nosso Deus que é Senhor e quer ser Pai de todos os homens.

O nascimento africano da

Obra da Rua foi uma dilatação das suas angústias. Vinte anos passados, o coração dela ficou irreversivelmente aberto a essas angústias e não lhes vira a cara nem se deixa abater por elas, antes lhes dá o seu tributo de comunhão. Por este preço permanecemos lá.

Padre Carlos

ISTO É A CASA DO GAIATO

1.º volume (2.ª edição)
2.º volume (2.ª edição)

«A ideia de publicar estes pequenos volumes foi sugerida ao Pai Américo por quem dia-a-dia ia topando, durante a leitura de O GAIATO, com factos, figuras, acontecimentos, descrições que, pela sua beleza, pelo poder dum estilo pessoalíssimo, pelo desassombro que traduzem, pela pureza da doutrina que dum ou outro comentário irradia, apetece recordar de quando em quando. A dificuldade estava em escolher, porque começando a reler as páginas de O GAIATO, o desejo era transcrevê-lo todo. Um pequeno mundo palpita nas suas páginas, um pequeno mundo em que há luzes e sombras, risos e lágrimas, mas onde principalmente resplandece a Mensagem eterna do Evangelho de Jesus.»

Pedidos à Editorial da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel

e enchem de mimos e outras coisas mais.

Damos, também, realce às pessoas de outras terras onde vão os nossos vendedores, que os sentam à sua mesa e partilham do seu pão, ou, como é o caso de Leiria, Tomar e Figueira da Foz, onde, além do pão, oferecem também a cama para dormirem naqueles dois ou três dias que por lá se demoram.

Em toda a parte aonde levamos o nosso jornal, encontramos sempre as portas abertas aos nossos rapazes, o que muito nos alegra e sensibiliza.

Desejamos que esta confiança que podes nos nossos rapazes, perdure muito tempo, para que as futuras gerações de vendedores continuem sempre a encontrar as vossas portas abertas, o vosso pão partilhado à mesa com eles, e com isso fiquem mais fortes os laços da Amizade pelos quais os rapazes vos unem à nossa Obra, através do jornal que quinzenalmente distribuem!

Chiquito-Zé

Lar de Coimbra

AULAS — Principiou mais um ano lectivo. Os nossos rapazes estavam ansiosos! Decerto vai trazer alguns problemas para aqueles que se sentem com mais responsabilidade.

O nosso Lar, neste momento, está com 31 rapazes, alguns deles novos, pois vieram frequentar o Ciclo Pré-

paratório. O número aumenta e quem segura esta enchente?!

No primeiro dia de aulas fizemos uma reunião para eleger o chefe e para pôr tudo em ordem. Enquanto não saem os resultados, um rapaz mais velho continua encarregado de tomar a chefia do Lar.

A senhora responsável pela vida doméstica do Lar tem uma vida muito agitada! Procura educar-nos com amor e cada dia que passa dá graças a Deus pelo esforço contínuo que dispõe no trabalho de limpeza da casa, etc., pois os rapazes são mais, este ano.

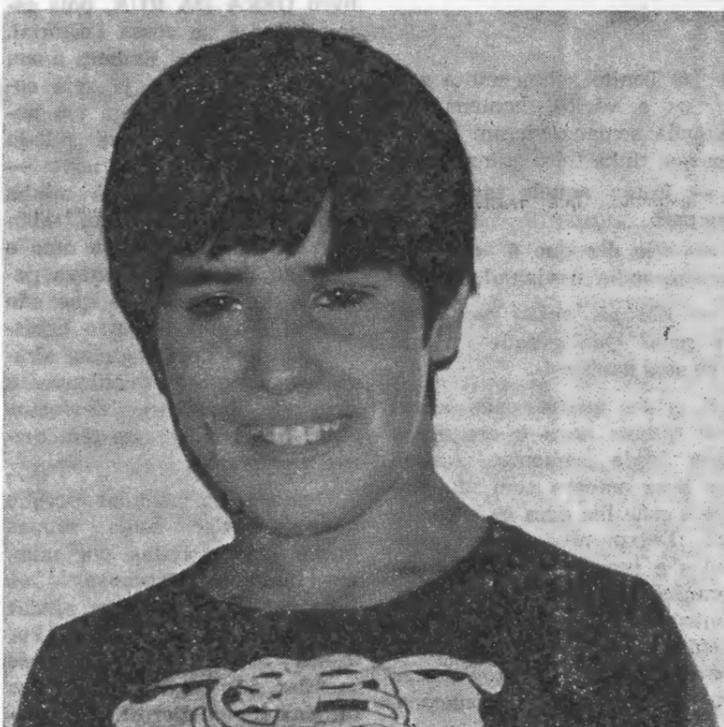
Quanto à estadia, os quartos do 1.º e 2.º andares ficaram esgotados e a confecção da comida é mais difícil.

Voltando às aulas: Este ano, o programa escolar mudou muito, e, é claro, tivemos de comprar alguns livros. Mas, sem pensar duas vezes, escrevemos para as editoras a pedir alguns com novas matérias. Os nossos amigos das editoras não recusaram o pedido. Ficámos muito agradecidos pela sua amizade.

Como nos anos anteriores, a Cooperativa dispôs-se a aceitar, gratuitamente, os nossos estudantes. Há um grande laço de amizade entre os directores e os gaiatos. Recordamos sempre a sr.ª D. Julieta de Carvalho que tanto nos ajudou e tanto carinho nos deu enquanto foi professora. Ajudou muitos gaiatos que agora são uns homens.

Desejo um bom ano escolar para aqueles que estudam e aqui vai um abraço para os nossos leitores.

Adelino



Um sorriso de «Vila Real» — para os nossos leitores.

REFLECTINDO

A qualidade de vida de um país, de uma forma superficial, poder-se á medir pelo número das suas auto-estradas, pela grandeza dos seus arranha-céus, pelas condições de luxo que dá aos que o visitam, etc. Mas só superficialmente se poderá usar este critério, porque numa visão verdadeira, é necessário conhecer o viver do seu povo, medir o grau de justiça social que nele impera.

Diz-se que o nosso País está em crise — que atravessa um período difícil — e que é necessário tomar determinadas medidas para a ultrapassar. Em relação a essas medidas há diferentes opiniões, nos diversos quadrantes, e muito se perde nas discussões geradas pelas diversas questões. Não há dúvida que a saída de qualquer crise, seja a nível de um país, de um grupo, ou mesmo a nível individual, exige reflexão para que se procurem as formas de ultrapassar a crise. cremos, no entanto, que no campo de que vínhamos falando — a crise nacional — os responsáveis pelos destinos do nosso povo deveriam alimentar o seu espírito com o co-

nhecimento directo da situação de tantos portugueses, que demasiado fracos para terem voz e reivindicar os seus direitos, vão suportando no dia-a-dia necessidades e carências que não têm sentido num país, que, sem se poder considerar desenvolvido, também não o será tão pouco que justifique certas situações.

Julgo que a experiência da pobreza, fortemente sentida em qualquer um dos campos das necessidades humanas, é um tempero fundamental na maturidade humana, uma condição essencial à capacidade de ver e compreender os Outros nas suas necessidades. Quem nunca a fez, fortemente, corre o risco de ter da vida uma visão ilusória, e uma medida pouco fiel das necessidades dos seus irmãos.

O nosso País está em crise, é necessário sair dela, é necessário a procura de meios de progresso e de aumento do rendimento global, mas é preciso que essa procura se faça, procurando desde já atender às necessidades essenciais dos Pobres.

Muitas dores e necessidades

batem à nossa porta, na procura de auxílio e até de desabafo. Hoje queria apenas abordar uma delas, muito frequente, e que, pensando bem, encerra dentro de si uma forte injustiça e consequências extremamente penosas.

Não vos falo hoje das pessoas a quem a vida reduziu a uma extrema miséria — apesar de serem estas que, no fim de contas, têm a «primeira voz» neste nosso jornal. Falo-vos da frequência com que nos aparecem pessoas que tinham a sua vida dentro de uma certa dignidade, ganhando o pão com o trabalho de cada dia, mantendo a sua família, e tendo o suficiente para suprir as necessidades essenciais. Acontece-lhes uma doença, coisa a que qualquer ser humano está sujeito, que os impede de comparecer ao trabalho, e o pão que era ganho com o trabalho de cada dia deixa de aparecer em cima da mesa. Seria o momento de funcionar a Assistência... se ela existir... Existe a Caixa de Previdência, que tem por obrigação dar uma percentagem do vencimento do trabalhador, agora doente... E dá, ou melhor, dará quando os computadores entenderem. Mas, até lá, do que viverá a família do doente!? O padeiro e o merceiro não fiam (aliás não é a estes que compete resolver o problema), a doença muitas vezes acarreta aumento nas despesas, as viagens para ir ao médico, os medicamentos, etc... e a vida dos elementos da família tem que continuar!...

Pelo que fica dito, so-

mos visitados por pessoas não habituadas a pedir, abatidas pela dificuldade de estender a mão, sentindo que por justiça não deveriam ter necessidade de o fazer. Vítimas reais e

vivas de uma injustiça, que a somar a tantas outras não são base nem alicerce para um progresso real e positivo.

Padre Abel

Papel de jornal

Os nossos Leitores já repararam no papel que ora serve de suporte a O GAIATO.

Gostaríamos não voltar à carga, mas pode acontecer que «malhar em pedra dura...» contribua, ao menos, para uma reflexão nalguns centros de decisão.

Há carência de papel de jornal (com o mínimo de qualidade)! Mas, recentemente, havia o projecto de uma fábrica — engavetado na respectiva Direcção-Geral, ansiosa por vê-lo implementado — que utilizaria pasta de madeiras pobres. Em função da rendibilidade da empresa — acentuaram oficialmente — só estaria em causa a produção da unidade (que ultrapassaria o autoconsumo do País), como se o mercado internacional estivesse saturado, isto é, não fosse possível vender os excedentes de produção!

Certa vez, há poucos anos, num encontro de circunstância, atrevemo-nos a pôr a questão a dignitários da gestão pública. Todavia, a lana caprina continuaria a sobrepor-se aos problemas de fundo!

No caso concreto de O GAIATO, desde que a Fábrica de Cacia — onde contamos bons Amigos — deixou de fabricar papel de jornal (igual ao estrangeiro) houve sempre dificuldade em o conseguir no mercado, com o mínimo de qualidade. Vimo-nos então forçados — contra a nossa vontade — a provocar sangria de divisas em papel nórdico, agora estancada... pela desvalorização deslizando do escudo.

Em face do diagnóstico da situação — e para O GAIATO não faltar em vossas casas com alguma apresentação — ajustámos, recentemente, um fabrico de papel offset 63/m2 a 1.173\$20/resma (dará para quatro meses e pico), pretendendo o papel de «jornal» (fabrico artesanal), de 48g/m2 a 1.000\$90/resma, cotações sem o imposto de transacções. E lá se foram 639.652\$20 por 466 resmas de papel offset!

Repetimos: uma unidade que utilizasse a pasta de madeiras pobres (vendidas ao desbarato...) serviria toda a Imprensa nacional (poupança de divisas) com menores custos (matéria-prima nossa e o valor acrescentado, também).

Se os países nórdicos (sem a matéria-prima que nós temos...) fabricam e exportam papel de jornal, que dizer da nossa tacahez!?

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

● Veio agora mesmo buscar a guia de transferência escolar que me entregou ontem ao chegar a nossa Casa. Cara sorridente e olhos de aventureiro, expressão de quem vai fazer mais uma aventura para juntar a tantas que já tem.

Vida de aventura a imitar aqueles que se juntaram para o gerar. O pai, ainda novo, veio de longe, de terra que então era portuguesa. A mãe, nascida muito longe também, era criada de servir na cidade onde se encontraram. Pouco tempo estiveram juntos e começou a vida aventureira deste menino.

O primeiro poiso foi o colo da avó materna. Depois, uma

escola de crianças daquela região. Depois voltou aos braços da avó, até à morte desta. Depois foi a mãe e um dos padrastos que vivem em vinho e em agressão. Depois foi o pai e a madrasta que vivem em semelhança com os primeiros. Depois têm sido meses a vagáear por terras à procura... do lugar que seja o seu.

Que este lugar seja o seu! Que esta nossa família, que agora o recebeu, seja sua até ao fim. Trouxe consigo medicamentos para lhe fortalecer o cérebro. O nosso pão, o leite das nossas vacas, os ovos das nossas galinhas, os frutos da nossa quinta, o nosso amor sejam para ele o remédio de que precisa.

● O Tonito achou muita graça a vários homens que naquela semana vieram visitar um que tinha feito quinze anos.

— Então aquele também é teu pai?

— Ele diz que é meu pai — respondia o visitado.

— Eh! pá, então tens quatro pais? Que grande fartura! E eu sem nenhum!...

E o de quatro pais, agora com quinze anos e em nossa Casa desde pequenito, acabou por ir-se embora com dinheiro que a mãe lhe dera às escondidas. Deixou-nos muitas saudades e uma ferida grande no coração. Sinto sempre bem, dentro de mim, o vazio do «secretário». Faz a tua meditação sobre a sorte de tantos destes inocentes e chora connosco.

Padre Horácio

UMA CARTA

«Já há tempo recebi o livro OBRA DA RUA, pois estou inscrita na vossa Editorial. Mandem sempre! Embora a sua leitura, para mim, já seja conhecida, quando chega um novo livro vou sempre relê-lo como sendo algo de novo — e que tão bem faz à minha alma pecadora. Medito, saboreio as palavras uma a uma e vêm ao de cima os meus pecados de omissão — que são tantos! — pois o nosso egoísmo não nos deixa agir na altura certa e vamos adiando o que, de imediato, devíamos fazer aos Irmãos que têm menos do que nós.

Demorei em mandar porque queria enviar estas roupas quase todas feitas por mim, nas horas de descanso, e só hoje vai o cheque para ajudar as despesas da edição. Por muito dinheiro que pudesse mandar, não pagaria o bem que me faz ler os livros! Obrigam-me a um sério exame de consciência e penitencioso

com mais arrependimento de todos os meus pecados e peço ao Senhor que ajude a desprender-me mais daquilo que Ele vai pondo nas minhas mãos para ajudar os Irmãos que mais ama — os Pobres.

Junto um cheque de 5.000\$. Tirarão o que for para o livro e o resto será para a Auto-construção. Eu que, graças a Deus, em melhor tempo, conseguí arranjar um andar meu, confrange-me aqueles que não

têm casa — um direito de todos.

Rezem por mim, pois ando com uma cruz que o Senhor me enviou e não quero desesperar de a levar até onde o Senhor quiser.

Um grande abraço para todos, duma amiga já velhinha — de 71 anos — mas que neste mundo quer ser

Ninguém.»

Uma gralha

Na edição de 15 de Outubro — a propósito do aniversário natalício de Pai Américo — publicámos um excerto biográfico da autoria do Padre José Monteiro de Aguiar, que, aliás, mereceu o melhor acolhimento dos nossos Leitores. Uma gralha tipográfica, porém (elas nasceram com a Tipografia...), alterou, um tudo nada, a ordem cronológica do contexto. Aonde se lê: «Em Outubro de 1889 foram os dois, António e Américo, para o Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras», deve ler-se: «Em Outubro de 1899...» E assim repomos a verdade — para os mais curiosos.



Director: Padre Telino Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato - 4560 PAÇO DE SOUSA - Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato - Paço de Sousa

Tiragem média por edição no mês de Outubro: 49.536 exemplares